

O DESGARRAMENTO EM CLÁUSULAS CIRCUNSTANCIAIS INTRODUZIDAS POR PARA

Rachel de Carvalho Pinto Escobar Silvestre (PG/UFRJ)¹

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo tem como tema as cláusulas hipotáticas circunstanciais finais *desgarradas*. Na abordagem funcionalista, as hipotáticas são as estruturas que se combinam com outra(s), realçando de alguma forma seu conteúdo. Normalmente, são associadas às orações subordinadas adverbiais da abordagem tradicional. Entretanto, não se parte aqui da premissa que haja uma relação de dependência de uma oração à outra, como na visão tradicional. Na perspectiva funcionalista, só há subordinação quando se estabelece uma relação de constituição de uma oração em relação à outra. Portanto, segundo essa visão, não há principal e subordinada adverbial que dela depende. As hipotáticas circunstanciais não estão integradas ou dependentes sintaticamente de um constituinte, mas se combinam com eles contribuindo para seu sentido. Assim, com base neste ponto de vista, é possível admitir que tais estruturas se manifestem desvinculadas sintaticamente de uma “principal”. A possibilidade de hipotáticas adverbiais ou circunstanciais aparecerem com essa configuração caracteriza o fenômeno

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PGLEV/UFRJ).

em tela neste trabalho – o *desgarramento*. No Brasil, a linguista que inaugurou os estudos sobre o fenômeno é Decat (1993, 1999, 2011).

A Gramática Tradicional (doravante GT) considera como “erro” as estruturas denominadas *desgarradas* por Decat (1999, 2001, 2011, 2014) e que são produzidas pelos falantes/escriventes em diferentes usos da Língua Portuguesa.

Para Decat (2011), as orações subordinadas adverbiais, analisadas como subordinadas e dependentes pela GT, podem ocorrer de maneira *desgarrada*, ou seja, não anexada à oração principal. A autora considera essas estruturas como unidades de informação por si mesmas, portanto, podendo apresentar-se soltas de sua principal, isto é, *desgarradas*.

O *desgarramento*, postulado por Decat (1999, 2011), pode ser definido como o fenômeno pelo qual estruturas consideradas como subordinadas e dependentes pela GT ocorrem no português tanto falado quanto no escrito como um enunciado independente, ou seja, de forma solta e isolada. Na língua escrita, essas cláusulas sucedem geralmente a uma pontuação de final de enunciado, representada pelo ponto final.

O objetivo deste estudo é descrever as cláusulas hipotáticas circunstanciais finais *desgarradas* prototípicas e as não prototípicas encetadas por PARA, comparando-as com as cláusulas hipotáticas circunstanciais finais não *desgarradas* do ponto de vista prosódico.

Denominamos cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas* prototípicas aquelas que se realizam sem a presença de sua cláusula núcleo e as cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas* finais não prototípicas àquelas que se realizam com a presença de sua cláusula núcleo

O conector PARA é considerado pela GT como introdutor prototípico de orações subordinadas adverbiais finais, no entanto, conforme apontado em Silvestre (2017), PARA apresenta a possibilidade de introduzir não só as cláusulas hipotáticas circunstanciais finais, mas também cláusulas hipotáticas circunstanciais consecutivas, cláusulas hipotáticas circunstanciais finais *desgarradas*, cláusulas completivas e, ainda, cláusulas relativas.

Adotamos como *corpus* neste estudo o Roteiro de Cinema, um *blog* que reúne longas e curtas-metragens na íntegra, em língua portuguesa, disponíveis para *download*, produzidos ou inéditos. Analisamos 55 (cinquenta e cinco) longas-metragens e 81 (oitenta e um) curtas-metragens, dos quais coletamos 2.883 dados, contados manualmente.

A seguir, explicitamos os pressupostos teóricos e metodológicos, posteriormente apresentamos o *corpus* e, em uma única seção, mostramos a análise dos dados e os resultados. Por fim, expomos as considerações finais e listamos as referências bibliográficas.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

A corrente teórica adotada neste trabalho é a funcionalista com interface na prosódia. Conforme apontam Cunha, Oliveira e Martelotta (2015, p. 157), para os funcionalistas, o estudo da língua não se baseia apenas na estrutura gramatical, mas também lança mão da motivação para os usos linguísticos, envolvendo, desse modo, as intenções do falante e o contexto discursivo. As abordagens funcionalistas atuais não investigam apenas a sintaxe e o uso de determinadas estruturas, mas também a semântica e a pragmática.

Decat (1999, 2011) não se dedicou às questões prosódicas deste tipo de cláusula; no entanto, afirma que é possível detectar uma estrutura *desgarrada* na língua oral a partir da curva entoacional. Com base em Chafe (1980), a autora afirma que a entoação seria um dos fatores que caracterizariam uma estrutura *desgarrada*. Assim, Decat (1999, 2011), mesmo não submetendo seus dados a uma análise prosódica, observou que, na língua oral, a estrutura *desgarrada* é normalmente precedida e seguida de pausa, na maior parte das vezes, realizando um único contorno entonacional, com entonação descendente no final.

Com base na Fonologia Prosódica, que defende que o componente fonológico não é autônomo e que a fala se organiza em uma hierarquia prosódica, Silvestre e Rodrigues (2014) abordam as cláusulas comparativas *desgarradas*. A proposta destas autoras também é de interface entre Funcionalismo e Prosódia.

Silvestre e Rodrigues (2017, p. 18) estabelecem uma distinção entre *desgarramento pragmático*, *desgarramento contextual* e *desgarramento cotextual*. O primeiro refere-se aos casos em que a “*desgarrada* é usada e identificada tão somente pela situação comunicativa/interativa; o segundo refere-se aos casos em que a compreensão da estrutura é depreendida pelo contexto comunicativo/discursivo; o terceiro refere-se aos casos em que há algum vínculo com alguma informação textual materializada linguisticamente antes no cotexto ou contexto”².

² As noções de contexto e cotexto utilizadas pelas autoras foram adotadas de Travaglia (1997, p.85). Para o autor, cotexto é o nome dado ao componente estritamente linguístico para diferenciá-lo do extralinguístico. Contexto e cotexto, de acordo com o linguista, portanto, “podem selecionar, modificar, precisar ou completar, justificar o sentido” (cf. Travaglia: 1997, p.85).

Conforme já dissemos, o *corpus* que compõe este estudo é o Roteiro de Cinema, que pode ser considerado um gênero misto, pois é um gênero textual escrito que tenta aproximar a fala formal da informal, já que, o roteirista, a depender da situação comunicativa e do contexto abordado no roteiro, muitas vezes, tenta representar na escrita alguns traços da oralidade, que só poderão ser efetivados quando encenados/interpretados pelos atores em cena.

Segundo Lima (2007, p. 57):

o roteiro (...) é um texto-base para a produção de outro texto (o filme) – existe para a orientação dos autores (diretores, atores, editores, etc.) desse outro texto. Portanto, seguindo Marcuschi (2005, p.23), tem uma função comunicativa dentro de uma situação específica. E quanto à forma sempre apresentará os elementos básicos e indispensáveis para a sua construção: as rubricas e os diálogos. Tem também especificações determinadas pelo canal a que se destina, o cinema: câmeras, iluminação, música, instruções para montagem (edição), localização das cenas, etc. Por tudo isto, pode-se dizer que o roteiro é um texto bastante peculiar. (...) Portanto, o roteiro de cinema é um gênero textual que abriga um gênero cinematográfico e pode, também, abrigar vários tipos textuais (narração, argumentação, descrição, injunção, etc.) e outros gêneros textuais (telefonema, carta, cartazes, mapas, etc.).

Neste trabalho, que é parte do estudo realizados por Silvestre (2017), verificamos as curvas entoacionais das cláusulas *desgarradas* e das cláusulas não *desgarradas* encetadas por PARA e a ocorrência ou não de pausa diante das *desgarradas* prototípicas. Devido ao peso das sílabas que compõem os enunciados originais, foi preciso adaptar alguns deles a fim de uniformizá-los.

Foram feitas gravações de fala atuada de 9 (nove) cláusulas *desgarradas* prototípicas, e suas respectivas desenvolvidas e não *desgarradas*, seguidas de um contexto específico, por 3 (três) falantes cariocas, do gênero feminino, com faixa etária entre 21 a 30 anos e estudantes de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), totalizando 81 (oitenta e um) dados.

A análise prosódica contempla a observação da ocorrência da pausa silenciosa entre as cláusulas e a verificação do movimento melódico final típico de cada estrutura. No *corpus*, denominamos as estruturas (a) como cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas* prototípicas, pois não há a presença da cláusula núcleo. As estruturas (b) são identificadas como cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas* não prototípicas, já que é possível identificar a sua cláusula núcleo, e as estruturas (c) são designadas cláusulas hipotáticas circunstanciais não *desgarradas*.

Para a análise, utilizamos os programas *Sound Forge* (versão 7.0) e *Praat* 4.3.12 (BOERSMA e WEENINK, 2011) para edição e análise acústica dos dados,

respectivamente. As gravações foram realizadas com gravador Sony PCM-D50, em duas sessões por falante. O som foi digitalizado com uma taxa de amostragem de 22050Hz e os arquivos de áudio foram armazenados no formato *wav*. O programa *PsyScope X* para *Machintosh* foi utilizado para preparação do teste de leitura de frases, que foi apresentado na tela do computador e realizado individualmente pelos informantes.

Além disso, realizamos um teste de leitura com estes mesmos dados, reproduzido com 12 informantes, cariocas, com faixa etária entre 18 e 45 anos e estudantes de curso pré-vestibular social. A realização do teste durou, aproximadamente, trinta minutos e aconteceu em um único dia, na sala de aula da escola estadual localizada em Madureira, o Instituto de Educação Carmela Dutra, no Rio de Janeiro. Os informantes receberam o teste impresso e o fizeram individualmente. O gênero dos falantes não foi um aspecto controlado neste teste. Os nove pares de cláusulas resultaram em 324 dados, contados manualmente.

A seguir, apresentamos o *corpus* montado para a feitura do teste prosódico e, também, o teste de leitura.

Quadro 1 - *Corpus* Prosódico

1) Você é uma médica. Uma mãe e seu casal de filhos chegam ao seu hospital. A mulher está preocupada, pois os dois filhos estão tendo convulsões e ninguém consegue saber que doença eles têm. Imagine que, na produção dos períodos a seguir, você deve expressar pela pronúncia a grande dificuldade de diagnosticar a doença, e então você comenta:

- a) Para ver se eles têm alguma doença grave.
- b) E aí a nossa equipe médica faz um check-up geral. Para ver se eles têm alguma doença grave.
- c) E aí a nossa equipe médica faz um check-up geral para ver se eles têm alguma doença grave.

2) Você é uma importante psicóloga e uma jornalista vai te entrevistar. Ela pergunta o que você faz pelas pessoas e por que você trabalha tanto em prol dos outros. Você responde que auxilia as pessoas a encarar as dificuldades da vida e a jornalista questiona se é necessário tanto esforço para as pessoas serem felizes. E então você comenta:

- a) Pra não se sentirem tão oprimidas.
- b) Eu liberto as pessoas. Pra não se sentirem tão oprimidas.
- c) Eu liberto as pessoas pra não se sentirem tão oprimidas.

3) Seu marido trabalha muito e fica pouco em casa. Você, por isso, faz grande esforço para agradá-lo. Certo dia, mesmo sem nenhuma data comemorativa, você faz o doce predileto dele. Ele fica surpreso e então você comenta:

- a) Pra você parar em casa.
- b) Fiz seu doce predileto. Pra você parar em casa.
- c) Fiz seu doce predileto pra você parar em casa.

4) Você tem uma amiga cuja família é muito exigente, está sempre cobrando a presença dela nos eventos familiares. Imagine que, na produção dos períodos a seguir, você deve expressar pela pronúncia todo o esforço, o verdadeiro milagre, que sua amiga deve fazer para satisfazer as expectativas da família, e então você comenta:

- a) Pra agradar a família.
- b) Tu vai por compromisso. Pra agradar a família.
- c) Tu vai por compromisso pra agradar a família.

5) Sua irmã, a Ana, bebe quase 2 litros de chimarrão por dia porque não tem tempo para se alimentar corretamente. Sua amiga diz que Ana deve reduzir a quantidade da bebida porque tanto chimarrão faz mal. Você, no entanto, sabe do pouco tempo que sua irmã tem e que ela faz isso para não ficar sem se alimentar, então você comenta:

- a) Para enganar a fome.
- b) Tomar só chimarrão muito bem racionado. Para enganar a fome.
- c) Tomar só chimarrão muito bem racionado para enganar a fome.

6) Você conta a um amigo que entrou para uma gangue. Você diz que o líder é conhecido como “Professor” e seu braço direito é conhecido como Tirso, comentando com admiração a última ação realizada pelo Professor para enfraquecer a gangue rival. Seu amigo não entende muito bem e pergunta se era necessária toda a ação. Você então comenta:

- a) Pra desmoralizar o comando.
- b) O Professor armou o lance do ônibus junto com o Tirso. Pra desmoralizar o comando.
- c) O Professor armou o lance do ônibus junto com o Tirso pra desmoralizar o comando.

7) Você é jornalista e pede a sua chefe para sair mais cedo na próxima sexta-feira, pois é teu aniversário. No entanto, ela impõe condições para que você possa sair. Seu colega de trabalho a vê trabalhando bem além do horário e pergunta se tudo isso é realmente necessário. Pensando em seu desejo de trabalhar menos em seu aniversário, você comenta:

- a) Para sair na sexta.
- b) Tenho que entregar essa matéria na quinta. Para sair na sexta.
- c) Tenho que entregar essa matéria na quinta para sair na sexta.

8) Você é bailarina e tem treinado mais de cinco horas por dia. Sua amiga percebe seu cansaço e pergunta se é necessário tanto esforço diário. E então você comenta:

- a) Para dançar numa companhia norte-americana.
- b) Recebi um convite importante. Para dançar numa companhia norte-americana.
- c) Recebi um convite importante para dançar numa companhia norte-americana.

9) Você é filha única e é casada com um homem rabugento e que não gosta de sua mãe, que está muito doente. Você vai visitá-la e começa a juntar muitos de seus objetos. Seu marido não entende e questiona se é realmente necessário pegar tantas coisas. E você então comenta:

- a) Para morar conosco.
- b) Eu vim buscá-la. Para morar conosco.
- c) Eu vim buscá-la para morar conosco.

Quadro 2 - Teste de leitura

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
FACULDADE DE LETRAS
Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa
Rachel de C.P.Escobar Silvestre

Esta pesquisa não tem como objetivo avaliar quem se dispõe a realizá-la. A identidade dos colaboradores será preservada. Agradeço pela sua colaboração.

Faixa Etária: () 16 a 20 anos / () 21 a 25 anos / () 26 a 45 anos /
() 46 a 60 anos / () + de 60 anos
Escolaridade: () Ensino Médio - público / () Ensino Médio - particular
() Ensino Superior (completo) / () Ensino Superior (incompleto)
Localidade: _____ Data: ___ / ___ / ___
() Concordo participar da pesquisa e autorizo a divulgação dos resultados, desde que se preserve em sigilo minha identidade.

1) A condessa chama os repórteres e mostra o estado dos mendigos que vivem em um asilo mantido por ela.

- a) E aí a nossa equipe médica faz um check-up geral. Para ver se eles têm alguma doença grave.
- b) E aí a nossa equipe médica faz um check-up geral para ver se eles têm alguma doença grave.
- Para você, há algum problema na forma como foram escritos os períodos em a) e b) acima? Se sim, qual?

- Se você considerou alguma alternativa acima errada, como você a reescreveria?

- Para você, que diferença se pode observar nos períodos a) e b) acima?

2) Camilo e Vilela discutem com Antônia, médica, por acreditarem que ela induz as pessoas a se matarem. Antônia diz a eles o seguinte período, escrito de duas formas diferentes:

a) Eu liberto as pessoas. Pra não se sentirem tão oprimidas.

b) Eu liberto as pessoas pra não se sentirem tão oprimidas.

- Para você, há algum problema na forma como foram escritos os períodos em a) e b) acima? Se sim, qual?

- Se você considerou alguma alternativa acima errada, como você a reescreveria?

- Para você, que diferença se pode observar nos períodos a) e b) acima?

3) Max está no sofá, tocando violão, e Baby que está ao lado dele, canta:

a) Fiz seu doce predileto. Pra você parar em casa.

b) Fiz seu doce predileto pra você parar em casa.

- Para você, há algum problema na forma como foram escritos os períodos em a) e b) acima? Se sim, qual?

- Se você considerou alguma alternativa acima errada, como você a reescreveria?

- Para você, que diferença se pode observar nos períodos a) e b) acima?

4) Herói chama Mariana para ir ao cinema, que recusa o convite para ir à festa que ele não gostaria de ir com ela. Ele diz:

a) Tu vai por compromisso. Pra agradar a família.

b) Tu vai por compromisso pra agradar a família.

- Para você, há algum problema na forma como foram escritos os períodos em a) e b) acima? Se sim, qual?
-

- Se você considerou alguma alternativa acima errada, como você a reescreveria?
-
-

- Para você, que diferença se pode observar nos períodos a) e b) acima?
-
-

5) João comenta com seu primo sobre a bebida que ele mais gosta de tomar: chimarrão.

a) Tomar só chimarrão muito bem racionado. Para enganar a fome.

b) Tomar só chimarrão muito bem racionado para enganar a fome.

- Para você, há algum problema na forma como foram escritos os períodos em a) e b) acima? Se sim, qual?
-

- Se você considerou alguma alternativa acima errada, como você a reescreveria?
-
-

- Para você, que diferença se pode observar nos períodos a) e b) acima?
-
-

6) No presídio, Chico fala ao telefone com a Ruiva que toda a confusão foi armada por Tirso e o Professor.

a) O Professor armou o lance do ônibus junto com o Tirso. Pra desmoralizar o comando.

b) O Professor armou o lance do ônibus junto com o Tirso pra desmoralizar o comando.

- Para você, há algum problema na forma como foram escritos os períodos em a) e b) acima? Se sim, qual?

- Se você considerou alguma alternativa acima errada, como você a reescreveria?

- Para você, que diferença se pode observar nos períodos a) e b) acima?

7) Ao telefone, um homem liga para Patrícia para tratar de mapa astral. Ele pede informações, mas Patrícia parece não fornecê-las. Ele, então, diz que tem pressa e que:

- a) Tenho que entregar essa matéria na quinta. Para sair na sexta.
- b) Tenho que entregar essa matéria na quinta para sair na sexta.

- Para você, há algum problema na forma como foram escritos os períodos em a) e b) acima? Se sim, qual?

- Se você considerou alguma alternativa acima errada, como você a reescreveria?

- Para você, que diferença se pode observar nos períodos a) e b) acima?

8) Joana é bailarina e comenta com Tati, sua prima:

- a) Recebi um convite importante. Para dançar numa companhia norte-americana.
- b) Recebi um convite importante para dançar numa companhia norte-americana.

- Para você, há algum problema na forma como foram escritos os períodos em a) e b) acima? Se sim, qual?

- Se você considerou alguma alternativa acima errada, como você a reescreveria?

- Para você, que diferença se pode observar nos períodos a) e b) acima?

9) Maria chegou à casa de sua avó e diz à prima que irá levar a avó para morar com ela.

- a) Eu vim buscá-la. Para morar conosco.
- b) Eu vim buscá-la para morar conosco.

- Para você, há algum problema na forma como foram escritos os períodos em a) e b) acima? Se sim, qual?

- Se você considerou alguma alternativa acima errada, como você a reescreveria?

- Para você, que diferença se pode observar nos períodos a) e b) acima?

Os testes prosódico e de leitura antes mostrados não foram comparados por envolverem modalidades diferentes.

No *corpus*, detectamos 51 dados de cláusulas *desgarradas* introduzidas por PARA. No entanto, para os testes prosódico e de leitura, só nos interessaram nove dos cinquenta e um dados de cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas* encontradas no *corpus*.

Os nove dados foram escolhidos tomando por base o tamanho das cláusulas, que não poderiam ser muito longas, para que não dificultassem a produção do falante e para que parecessem mais naturais para os informantes que reproduziriam o teste. Além disso, deveriam ter como paroxítona a última palavra do enunciado. Uma amostra desses aspectos observados pode ser vista a seguir:

HERÓI: *Tã. E eu vou ter que ir junto arrastado e passar a noite toda sentado sozinho num canto me embebedando com ponche. Pô, Mariana, duvido que tu goste dessas festas. Duvido mesmo. Tu vai por obrigação. Pra agradar a família. Por vaidade.*
(Corpus Roteiro de Cinema - Inverno)

Nessa passagem da personagem *Herói*, podemos compreender a tentativa do escritor em reproduzir, na escrita, a modalidade oral da língua, detectando nela algumas marcas de oralidade no uso de vocábulos, como “tã” e “pô” e a não concordância do verbo “vai” com o pronome “tu”. Além disso, podemos notar o uso de uma cláusula *desgarrada* iniciada por PARA (*pra agradar a família*), como estratégia de focalização. Nesse contexto, a *desgarrada* enfatiza a ideia expressa pela personagem *Herói* de que Mariana vai às festas familiares sem vontade.

Na próxima seção, explicitamos a análise dos dados e apresentamos os resultados dessa investigação.

3. ANÁLISE E RESULTADOS

As cláusulas *desgarradas* geralmente são precedidas por um sinal de pontuação, sendo o ponto final o mais encontrado, conforme já apontado por Decat (1999, 2011). Assim, os resultados revelaram que o uso da pontuação é realmente um aspecto que distingue uma cláusula *desgarrada* de uma não *desgarrada* e o uso dos sinais de pontuação é uma tentativa de “reproduzir” a pausa entre as cláusulas *desgarradas* e não *desgarradas* quando realizadas pelos informantes.

O teste de leitura permitiu-nos observar que muitos falantes consideram “erradas” as cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas* que são separadas pelo ponto final de sua cláusula núcleo. Além disso, verificamos, por meio destes testes, que um pequeno número de informantes (três, apenas) percebeu nos usos do *corpus* a função focalizadora da cláusula hipotática circunstancial *desgarrada*.

Os resultados da aplicação dos testes ainda revelaram que as cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas* prototípicas apresentam um contorno melódico diferente das cláusulas hipotáticas circunstanciais não prototípicas e das finais não *desgarradas*, pois apresentam curva ascendente em maior parte das ocorrências, enquanto essas apresentam curva descendente em final de enunciado. Notamos, também, que a pausa antecede as cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas* não prototípicas.

Por sua vez, as cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas* são antecedidas por algum sinal de pontuação - ponto final ou reticências - e têm por finalidade focalizar a informação contida na estrutura anterior à cláusula *desgarrada* e estabelecer por si só uma unidade informacional, conforme Decat (2011). Os exemplos a seguir ilustram tais usos:

- (1) E aí a nossa equipe médica faz um check-up geral... **Para ver se eles têm alguma doença grave...**

(Corpus Roteiro de Cinema – O homem que virou suco)

- (2) O incidente não vai constar do seu histórico escolar, não se preocupe. **Para acabar de vez com este lamentável episódio...**

(Corpus Roteiro de Cinema – Antes que o mundo acabe)

- (3) Tu vai por obrigação. **Pra agradar a família.**

(Corpus Roteiro de Cinema – Inverno)

- (4) Vai voltar daqui a pouco. **Pra conferir se ainda tô olhando pra ela.**

(Corpus Roteiro de Cinema – Inverno)

Os exemplos 1, 2, 3 e 4, em que são destacadas em negrito as cláusulas *desgarradas*, parecem reproduzir a língua oral, já que apresentam algumas marcas prototípicas de discursos orais, como é possível perceber pelo uso do pronome de 2ª pessoa com verbo de 3ª pessoa, o que é típico da fala, e da redução “tô” em vez de “estou” em (3) e o uso do vocábulo “aí” em (1). Essas são ocorrências imaginadas pelo roteirista como típicas da fala, que são reproduzidas na escrita com o objetivo de orientar o ator a produzi-las em cena, de modo mais próximo da realidade e do que seria uma conversação espontânea.

Conforme já informado antes, para a investigação das cláusulas circunstanciais *desgarradas*, foram feitos dois testes: um de leitura e um prosódico. O teste de leitura, aplicado à descrição das *desgarradas* circunstanciais e das não *desgarradas*, pretendia verificar se os informantes notavam alguma diferença entre a sentença (a) e a sentença (b), conforme mostrado no quadro 2. Apresentamos a seguir os resultados percentuais de alguns dos aspectos observados por meio da aplicação deste teste. Quanto a existir “erro”³ na produção da sentença

³ A noção de norma adotada encontra-se em Travaglia (1997, p. 63), para quem “a norma (cultura, da classe de prestígio) constitui o português correto; tudo o que foge à norma representa um erro”. Ainda conforme Travaglia (1997, p. 30-31), “a gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a correta utilização oral e escrita do idioma,

(a) e (b), 49 (46%) dos informantes apontaram que as sentenças (a) dos nove pares estavam “erradas” devido ao sinal de pontuação - o ponto final - no meio da sentença; 54 (50%) dos informantes identificaram que o “erro” encontrado referia-se à informalidade das sentenças - o uso de PRA em vez de PARA; 14 (13%) dos informantes responderam que não existia “erro” na produção das sentenças (a) e (b) dos pares e 39 (36%) dos informantes apontaram como “erro” o ponto final entre as cláusulas e a informalidade em sua produção - o uso de PRA em vez de PARA.

Quanto à reescritura da cláusula que o informante considerasse “incorreta”, 34 (31%) das sentenças (a) - cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas* - deveriam ser reescritas junto às suas nucleares, sendo separadas apenas pela vírgula, em vez do ponto final; 14 (13%) das sentenças foram consideradas “corretas”, não precisando, portanto, de reescritura, segundo os informantes.

Notamos pelos resultados dos testes ainda que, segundo alguns informantes, sessenta (56%) das sentenças (a) - cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas* - deveriam ser reescritas junto às suas nucleares, não sendo separadas por sinal de pontuação. No entanto, deveriam ser escritas com conector PARA em vez de PRA, na percepção de alguns desses informantes.⁴

Quanto à diferença reconhecida pelos informantes entre as sentenças (a) e (b), os doze (12/100%) informantes reconheceram que era o sinal de pontuação entre a cláusula núcleo e a cláusula hipotática circunstancial *desgarrada* que marcava a diferença entre as sentenças (a) e (b). No entanto, apenas cinco (5/42%) informantes afirmaram que a diferença de sentido entre as sentenças era que pareciam próximas da língua oral e que os sinais de pontuação atribuíam ênfase à informação que estava sendo abordada por cada sentença.

Quanto à análise dos dados que compõem o *corpus* usado no teste prosódico, as cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas* prototípicas, no que tange à entoação, apresentaram curva ascendente (21/78% dos dados), ao passo que as *desgarradas* finais não prototípicas e as cláusulas hipotáticas circunstanciais finais não *desgarradas* apresentaram curva descendente na maior parte dos dados (49/91% dados do total das duas estruturas⁵).

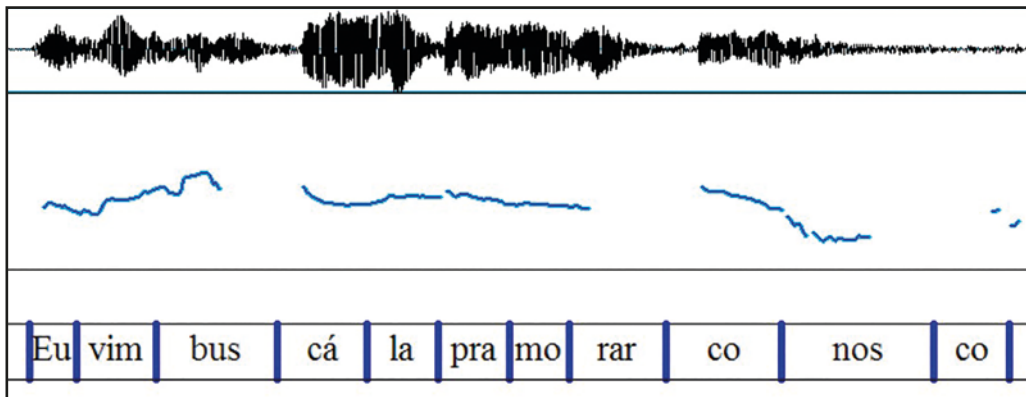
prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua”.

⁴ Como nos baseamos nas estruturas do *corpus* dos roteiros de cinema, fomos fiéis às estruturas lá encontradas para montarmos o *corpus* prosódico. Para efeitos de análise prosódica, então, por isso, não levamos em conta a forma ser PRA ou PARA, simplesmente porque nos roteiros se usou *pra* em um dos roteiros analisados.

⁵ Consideramos, neste estudo, como cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas* pro-

Por meio das análises prosódicas identificamos uma pausa antecedente às cláusulas *desgarradas* finais não prototípicas, o que ocorreu em vinte e um (77%) dados. Apenas seis dados (23%) não apresentaram pausa nem alongamento silábico em sua produção pelos informantes. O alongamento silábico final, principalmente na última tônica, foi mais frequente nas *desgarradas* prototípicas, como ilustra a Figura 1 a seguir:

Figura 1 - Dado 9c, cláusula núcleo e cláusula hipotática circunstancial não *desgarrada* – inf. HT, 27 anos

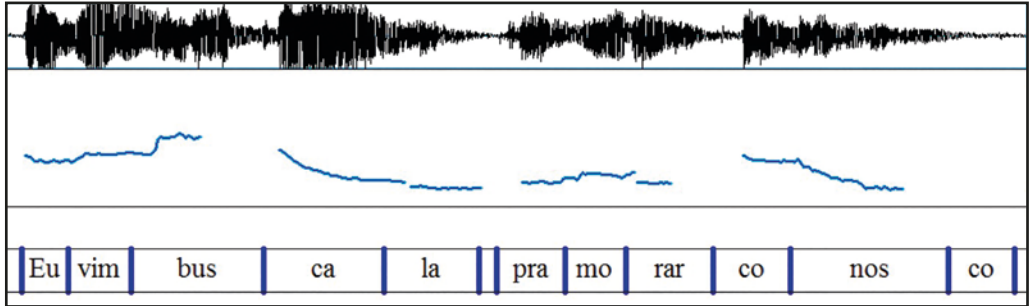


A Figura 1 mostra a produção de um dado de uma cláusula hipotática circunstancial não *desgarrada*, em que não há ocorrência de pausa e curva descendente. Por outro lado, na Figura 2 a seguir, é possível perceber a ocorrência de pausa (119 ms⁶) entre a cláusula núcleo e a cláusula hipotática circunstancial final *desgarrada*, e como no dado representado na Figura 1, este apresenta também curva descendente no final do enunciado.

totípicas aquelas que se realizam sem a presença de sua cláusula núcleo e as cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas* finais não prototípicas são aquelas que se realizam com a presença de sua cláusula núcleo.

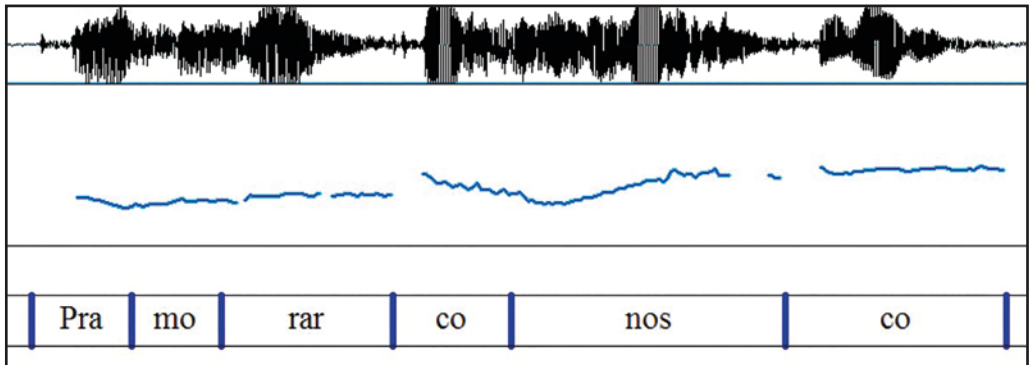
⁶ Abreviatura de milissegundo.

Figura 2 - Dado 9b, cláusula núcleo e cláusula hipotática circunstancial *desgarrada* não prototípica – inf. HT, 27 anos. Pausa de 119 ms entre a cláusula núcleo e a cláusula hipotática circunstancial *desgarrada* não prototípica.



A Figura 3 mostra a produção de uma cláusula hipotática circunstancial *desgarrada* prototípica em que é possível perceber o alongamento silábico da tônica da última palavra do enunciado e a curva ascendente no final do enunciado.

Figura 3 - Dado 9a, cláusula hipotática circunstancial *desgarrada* prototípica – inf. HT, 27 anos.

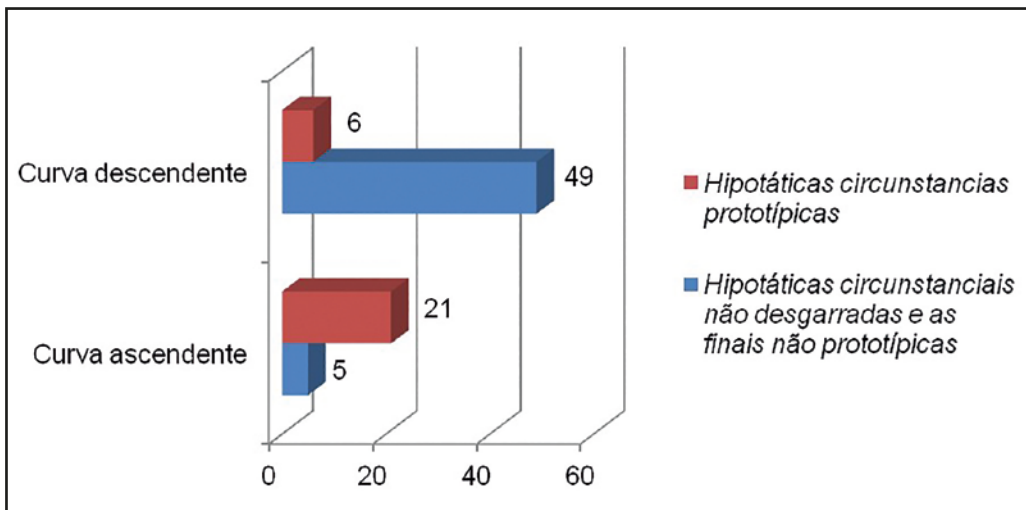


Após verificar as cláusulas encetadas por PARA e as Figuras que ilustram a realização prosódica dos dados, constatamos que a pausa, frequente nas cláusulas *desgarradas* finais não prototípicas, marca uma pontuação não canônica e assinala o *desgarramento* descrito por Decat (2011). Por outro lado, o alongamento silábico final e a entoação ascendente marcam o *desgarramento* prototípico⁷, em que não há presença da cláusula núcleo.

⁷ De acordo com Martins (2013, p. 105), “a prototipicidade é um fenômeno cognitivo responsável por organizar as categorias em termos de membros mais centrais e membros mais periféricos”. Ainda segundo o autor (Martins, 2013, p. 106), nos modelos semânticos, “o protótipo é o elemento de maior frequência e um ponto de referência para a definição de uma

Destacamos ainda, quanto aos resultados das estruturas que foram testadas na análise prosódica, que as cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas* prototípicas apresentaram curva ascendente (21/78% dados). No entanto, as *desgarradas* finais não prototípicas e as cláusulas hipotáticas circunstanciais finais não *desgarradas* apresentaram curva descendente na maior parte dos dados (49/91% dos dados do total das duas estruturas). O gráfico 1 evidencia estes resultados.

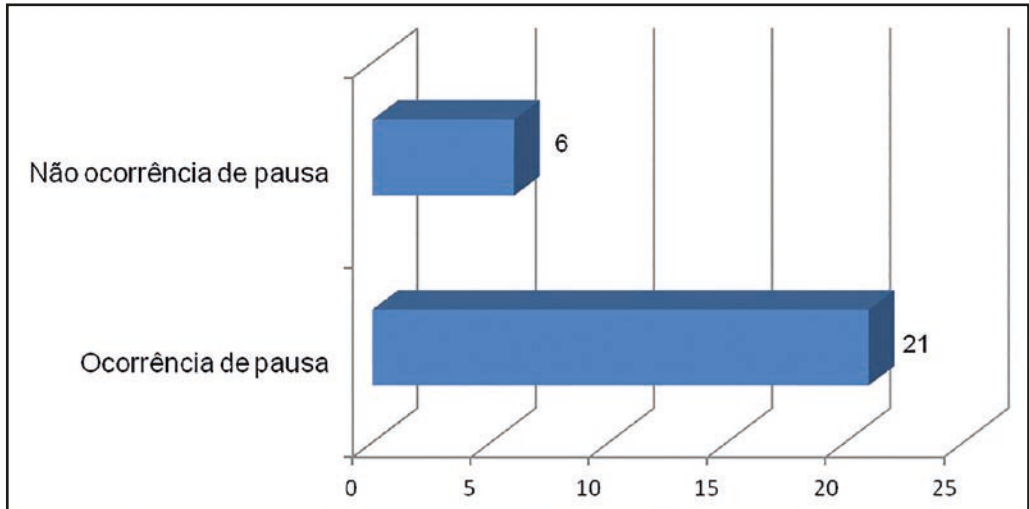
Gráfico 1 - Curvas prosódicas



Verificamos pela análise do Gráfico 2 a seguir que a pausa antecede as cláusulas *desgarradas* finais não prototípicas, estando presente em 21 dados (77%). Isso confirma a hipótese de Decat (2001) de que a curva de final de enunciado diferenciaria, na prosódia, uma cláusula *desgarrada* de uma não *desgarrada*. Em seis dados (23%) a pausa não foi notada, conforme se nota no Gráfico 2.

categoria.” Isto significa que o conector PARA tem como sentido mais frequente o de finalidade, por isso, afirma-se que este é o prototípico. O *desgarramento* prototípico é aquele em que a cláusula introduzida por PARA ocorre isoladamente.

Gráfico 2 - Ocorrência de pausa nas *desgarradas* finais não *prototípicas*



A ocorrência de pausa diante de uma *desgarrada* final não prototípica e a curva descendente em final de enunciado são, portanto, aspectos que diferenciam este tipo de estrutura das *desgarradas* finais não prototípicas e das não *desgarradas*.

Vale lembrar que, neste estudo, denominamos de cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas* prototípicas aquelas que se realizam sem a presença de sua cláusula núcleo e as cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas* finais não prototípicas aquelas que se realizam com a presença de sua cláusula núcleo. A seguir, elucidamos as considerações finais a que chegamos após a análise dos resultados antes apresentados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Decat (2011), em seu estudo sobre o *desgarramento*, não se aprofunda na investigação prosódica deste fenômeno, no entanto, afirma que a pausa antecedente à cláusula *desgarrada* seria uma característica desse tipo de estrutura.

Silvestre (2017), ao investigar a polifuncionalidade do conector PARA, demonstra que este pode introduzir cláusulas *desgarradas* prototípicas - são menos frequentes - e *desgarradas* não prototípicas, mais frequentes que as anteriores. A autora realiza dois testes: o prosódico e o de leitura. O teste prosódico foi produzido com informantes da Pós-Graduação de Letras, a fim de comparar a curva entoacional e a duração das estruturas *desgarradas* prototípicas, das

desgarradas não prototípicas e das não *desgarradas*. O teste de leitura foi realizado com outros informantes, pessoas que tinham o Ensino Médio concluído ou que o ainda estavam cursando, com o objetivo de investigar como as cláusulas *desgarradas* com PARA, na escrita, seriam interpretadas por essas pessoas.

Por meio do teste prosódico, que constitui parte dos estudos já realizados por Silvestre (2017), a autora pode notar quais as principais diferenças entre as cláusulas *desgarradas* e as não *desgarradas*. Em sua análise, destacaram-se a ocorrência ou não de pausa e a curva final de enunciado, que apresentaram resultados significativos e que diferenciam uma estrutura da outra. O teste de leitura empreendido possibilitou a ela verificar se os informantes considerariam a cláusula *desgarrada* como “erro”. Os resultados destes testes mostraram, no entanto, que a maior parte deles entendeu que a “informalidade” das cláusulas é que seria o “erro”. Poucos informantes perceberam que as cláusulas *desgarradas* focalizam a informação da suposta cláusula núcleo. Isso talvez se explique pela pouca atenção dada a essas estruturas nos estudos da Língua Portuguesa em termos de ensino.

O teste prosódico permitiu identificar quais as principais diferenças entre as cláusulas *desgarradas* e as não *desgarradas*, ou seja, a ocorrência ou não de pausa e a curva final de enunciado, que apresentaram resultados significativos e que diferenciam uma estrutura da outra.

Embora o *desgarramento* seja produzido tanto em textos orais como em textos escritos, conforme mostramos, muitos usuários da Língua Portuguesa veem as estruturas *desgarradas* com estranhamento, sendo por eles desaprovadas e, também, por alguns professores. Essas estruturas, como vimos, têm o objetivo de realçar, enfatizar uma informação presente no discurso e, já que são mais um recurso de que dispomos na língua para a eficácia comunicativa/interativa, não deveriam ter seu uso condenado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAFE, Wallace L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W. L. (Ed.) **The Pear Stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production**. Norwood: Ablex, 1980.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da, OLIVEIRA, Mariangela Rios de e MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.) **Linguística Funcional: teoria e prática**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. In: **Scripta** (Linguística e Filologia), v.2 n.4, Belo Horizonte: PUC Minas, 1999. p. 23- 38.

_____. **Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

_____. **Estruturas desgarradas em língua portuguesa**. Campinas: Pontes Editores, 2011.157p.

_____. A noção de unidade informacional no tratamento da subordinação. In: **Veredas**. v.18 n.2, Juiz de Fora: PPG - Linguística/UFJF, 2014. p. 123-135.

LIMA, Tânia Mara da Silva. **A construção de sentido no gênero roteiro com enfoque sobre referenciação**. Dissertação. Niterói, Letras UFF, 2007.

MARTINS, Erik Miletta. Semântica dos Protótipos. In: **Semântica, semânticas: uma introdução**. JUNIOR, Celso Ferrarezi e BASSO, Renato (org). São Paulo: Contexto, 2013.

SILVESTRE, Aline Ponciano S. e RODRIGUES, Violeta Virginia. O *desgarramento* de cláusulas comparativas e a interface sintaxe-prosódia. In: XXV Jornada Nacional do GELNE, 2014, Natal - RN. **Anais da XXV Jornada Nacional do GELNE**. Campus Lagoa Nova - Natal - RN: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - EDUFRN, 2014. v. 1. p. 1-11.

_____. *Desgarramento: um novo olhar*. In: ARENA, Ana Beatriz et alii (org.). **Anais do I Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas, 2016 / 2017. p. p. 217-237.

SILVESTRE, Rachel de C. P. Escobar. **A polifuncionalidade do conector para**. **Dissertação**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 2. Edição. São Paulo: Cortez,1997.

